

TIPOLOGIAS TEXTUAIS NO JORNALISMO: UMA ANÁLISE DO LIVRO-REPORTAGEM “HOLOCAUSTO BRASILEIRO”

Emmanoeli Francisco da Silva¹
Guilherme Freire Maia Gomes
Greyce Kelly Bernardino da Silva
Ingrid da Silva Oliveira
Julya Ewellyn da Silva Verçosa
Lais Lessa Padilha
Marcial Silva Fortes Neto
Maria Rayssa Karolyne Mota Cavalcante
Sthefane Karoline Ferreira da Silva
Danielle Cândido da Silva Nascimento²

Jornalismo
 **cadernos de
graduação**
ciências humanas e sociais
ISSN IMPRESSO 2317-1693
ISSN ELETRÔNICO 2316-672X

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o livro-reportagem “Holocausto Brasileiro” (Daniela Arbex, 2013), que conta a história de desumanidade no hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, durante maior parte do século XX, por meio do depoimento de sobreviventes e antigos funcionários. A pesquisa pretende contribuir com a prática textual dos jornalistas profissionais e em formação sobre a importância das tipologias textuais no gênero jornalístico, a partir de pesquisa bibliográfica. Apoiada na construção teórica de Edvaldo Pereira Lima e José Marques de Melo, pudemos perceber que, por sua proposta interpretativa de narrar os fatos, o livro-reportagem contém diversas tipologias textuais que possibilitam os textos jornalísticos se reinventarem.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero Jornalístico. Tipologias Textuais. Livro-reportagem. Holocausto Brasileiro.

ABSTRACT

This article aims to analyze the book-report "Brazilian Holocaust" (Daniela Arbex, 2013), which tells the inhumanity of history in "Hospital Colônia de Barbacena", Minas Gerais, during most of the twentieth century, through the testimony of survivors and former employees. The research aims to contribute to the textual professional practice and training journalists about the importance of text types in the journalistic genre, from bibliographic research. Supported on Edvaldo Pereira Lima and José Marques de Melo. theoretical construction, we realize that, for its interpretative proposal to narrate the facts, the book-report contains a number of text types that enables the journalistic texts to reinvent itself.

KEYWORDS

Journalistic Genre. Text types. Book-entry. Brazilian Holocaust.

1 INTRODUÇÃO

A área da comunicação não desfruta da vantagem do estudo sobre gêneros jornalísticos. Esses têm sido inclusos recentemente em trabalhos acadêmicos no campo da ciência da linguagem. Ao passo que autores de outros campos abordam o gênero textual como um fenômeno de linguagem socialmente estabelecido; na comunicação, os estudos seguem um ponto de vista tipologizante.

Portanto, torna-se evidente a necessidade do estudo de gêneros jornalísticos, sendo o livro-reportagem um deles. Ele é um gênero jornalístico e literário no qual o escritor narra detalhadamente uma reportagem que não poderia ser admitida em mídias convencionais. É, pois, o que une a literatura ao jornalismo.

Este gênero jornalístico é caracterizado ainda pelo uso de diversas tipologias textuais, como a expositivo-argumentativa, pois informa, com dados concretos, o leitor; a descritiva, pela caracterização detalhada; e a narrativa, ao relatar os acontecimentos.

Este trabalho, pensando nisso, analisa o livro-reportagem *O holocausto brasileiro*, buscando auxiliar e colaborar com os jornalistas profissionais e aqueles que ainda estão em formação, em relação à relevância das tipologias textuais no gênero jornalístico em questão.

A obra, escrita pela premiada jornalista Daniela Arbex, trata de um assunto muito chocante da nossa história, que foi a barbárie ocorrida no maior hospício do Brasil, durante o século XX, situado na cidade de Barbacena, Minas Gerais, e conhecido por Colônia. A autora retrata o genocídio de, pelo menos, 60 pessoas.

2 OS CAMINHOS DO TEXTO JORNALÍSTICO: ELEMENTOS DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO, FUNÇÕES DA LINGUAGEM E GÊNERO TEXTUAL

O trabalho da mensagem acontece com o objetivo de propagar, já que se associa ao processo comunicacional. O emissor dá início a esse processo, usa um código e então envia sua mensagem (referida a um contexto) ao receptor. O acesso da emissão para a recepção faz-se por meio de uma determinada base, que é o canal. Aí estão, portanto, os elementos que sustentam o modelo de comunicação: emissor, receptor, canal, código, referente, mensagem.

Jakobson (1969, p. 1-6) enfoca o perfil da mensagem, conforme a meta ou orientação dessa mesma mensagem em cada elemento do processo da comunicação – o que se pode chamar de funções da linguagem, totalizando também seis tipos.

A *função referencial*, também conhecida como função denotativa, utiliza a linguagem assim como ela é, naturalmente. No momento que um indivíduo usa a função referencial em um ato de se expressar, tem a finalidade de passar informações da realidade de forma clara e concisa.

Diz Jakobson que a tarefa dominante de numerosas mensagens é organizar os signos em função do referente. A linguagem denotativa seria, então, construída em bases convencionais, elaborada em função de certa repetibilidade das normas do código, produzindo informações definidas, claras, transparentes, sem ambiguidades (JAKOBSON, 1969, p. 10).

Já a *função emotiva*, de acordo com Chalhub (2006, p. 17)

[...] tem seu Einstellung no emissor que deixa transparente as intenções do seu dizer, marcando-se em 1ª pessoa; comparece também numa fala marcada pela interjeição “extrato puramente emotivo da linguagem”, diz-nos Jakobson acerca da interjeição, pelos adjetivos, que apontam o ponto de vista do emissor, daquele que fala por alguns 18 advérbios, por signos de pontuação – tais como exclamação, reticências. A função emotiva implica, sempre, uma marca subjetiva de quem fala no modo como fala. Por isso, as canções populares desditosas são mensagens que acabam provocando a emoção do tipo epidérmico – falam adjetivamente, adverbialmente, das perdas amorosas.

Já quando a mensagem está orientada para o destinatário, trata-se da *função conativa*. Esta palavra tem sua origem no termo latino *conatum*, que significa tentar

influenciar alguém por meio de um esforço. A função conativa, também conhecida como apelativa, é um processo extenso usado em obras que têm a finalidade de persuadir o receptor da mensagem. Ela está presente na opção “leia mais” no final de notícias que circulam nos veículos de comunicação.

A *função fática* tem por objetivo determinar, estender ou finalizar a comunicação e se usa em circunstâncias em que o mais importante é o diálogo entre o emissor e o receptor. Também é utilizada para averiguar o andamento apropriado do canal. Dentro do jornalismo podemos encontrar essa função em entrevistas ping-pong.

A *função poética* tem como fundamental aspecto a emissão de uma mensagem feita de modo progressista. Ela se encontra principalmente na linguagem literária e também na poesia. É um tipo raro de ser encontrado no jornalismo.

Por fim, na *função metalinguística*, o aspecto fundamental é o fato de a comunicação estar centrada no próprio código. No jornalismo encontramos exemplos na atividade do ombudsman, que são contratados para falar do próprio veículo de comunicação e os textos são publicados nesse mesmo veículo.

Precisamente, as funções de linguagem estão associadas aos gêneros textuais, cuja primeira organização ocorreu com Platão e Aristóteles. Para eles, os gêneros refletiam sobre a identidade dos textos, por isso, deram as distinções entre poesia, prosa, tragédia, comédia e outros tipos de discursos.

Bakhtin dá novo conceito ao gênero e aplica uma nova forma. O estudo de Bakhtin é recebido como “verdadeiro marco referencial para a revitalização dos estudos do gênero nessas duas últimas décadas” (SILVEIRA apud MELO, 2005, p. 61) e se tornaria um importante suporte teórico para as mais recentes tendências de pesquisas na área de abordagem sócio-retórica, como também para as principais obras do campo jornalístico, isto é, do que seriam chamados gêneros jornalísticos.

Segundo José Marques de Melo (2003, p. 64), gênero é

[...] um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura).

O gênero, portanto, é uma convenção social, para as formas fixas das mensagens jornalísticas que ordenam o que é apresentado diariamente ao leitor. Cada gê-

nero é normalmente distinguido por títulos genéricos como, a notícia (News-story), o que sugere que certos traços de textos específicos se repetem bastante durante um período de tempo em que estão convencionados (HARRO, 2000, p. 92).

Contudo, a razão de utilizarmos as expressões que nomeiam os gêneros se dá por sua legitimação tanto na academia quanto nas redações. Também por considerarmos como instrumentos pedagógicos válidos para o ensino e aprendizagem do fazer jornalístico. No plano acadêmico, facilita a professores e alunos a divisão nesses gêneros – ainda que sugira uma visão estanque e fragmentada do discurso jornalístico –, de modo a racionalizar o tempo, características e técnicas de redação para cada um.

É necessário, pois, pensar sobre como as reflexões sobre o gênero informativo no jornalismo impresso avançaram. Segundo Marques de Melo (2003), o gênero informativo apresenta os formatos de nota, notícia, entrevista e reportagem.

A distinção entre a nota, a notícia e a reportagem está exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e acessibilidade de que goza o público. A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na televisão. A notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer; possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade. (MELO apud COSTA, 2003, p. 66).

Ainda para Marques de Melo (2003), os processos regulares, contínuos e livres de informação e de opinião sobre a atualidade, como no jornalismo enquanto processo social só se constitui com a ascensão da burguesia ao poder e a abolição da censura.

O autor considera que devido à censura posterior, o jornalismo de informação é estimulado em detrimento da opinião. Está identificada, assim, a origem da separação “informação e opinião”. Se inicialmente a opinião prevalecia no jornalismo, as relações sociais e as transformações sociopolíticas incitaram outros gêneros da informação.

3 GÊNERO JORNALÍSTICO: O LIVRO-REPORTAGEM

A partir do gênero informativo, encontramos o livro-reportagem, que é um meio de comunicação não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitu-

de superior ao tratamento costumeiro nos veículos de comunicação. De acordo com Lima (2009, p. 1), o livro-reportagem “desempenha um papel específico de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva”.

Esse gênero jornalístico que aborda temas do cotidiano pode apresentar-se como um subsistema híbrido, inerente ao sistema jornalístico e de editoração. No entanto, o livro-reportagem está mais próximo do jornalismo e não da sua colocação editorial, por ter a função de informar e ao examinar o aspecto editorial percebe-se que é algo muito explícito e de posição secundária.

Lima (2009, p. 10) esclarece que “a função que o livro-reportagem exerce, apesar de matizes particulares, procede, essencialmente, do jornalismo como um todo”. Logo, os recursos técnicos com que essa função é desempenhada provêm do jornalismo, como acrescenta o autor.

[...] o profissional que escreve o livro-reportagem é, quase sempre, um jornalista. Isto é, um comunicador social formado sob a concepção da prática de uma atividade específica de comunicação. Por conseguinte, a realidade essencial do livro-reportagem é determinada a partir das práticas e dos princípios que regem o jornalismo como um todo. (LIMA, 2009, p. 11).

Como também aponta Medina (apud LIMA, 2009, p. 11):

[...] é preciso examinar o problema no seu enquadramento geral: informação jornalística como produto da comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada.

O jornalismo está ligado à indústria cultural por fazer parte do grande bojo da comunicação de massa e por desempenhar algumas funções subjacentes produzidas industrialmente pelos grandes centros geradores e distribuidores da cultura de massa.

Lima (2009, p. 26-28) explica também que o livro-reportagem se difere dos demais livros por três condições essenciais: quanto ao conteúdo que corresponde ao real e factual; o tratamento que envolve a linguagem, montagem e a edição de texto; e, por fim, a função que tem por objetivo fundamental informar.

Devido as suas variedades de tratamento narrativo e linha temática, podemos classificá-los em diversos grupos. Possuem como base dois fatores que se inter-relacionam: o objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narra-

tivamente ao usar a função de informar e orientar com profundidade; e a natureza do tema de que trata a obra.

Desse modo, Lima (2009, p. 51) encontra os seguintes grupos de livros-reportagem: perfil, retrato, depoimento, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, ensaio, viagem e denúncia.

O tipo *perfil* procura evidenciar o lado humano de um personagem, apresentando suas características e tornando suas circunstâncias de vida interessantes. Já o *retrato* é semelhante ao perfil, pois ao contrário deste não foca em um personagem, e sim na região geográfica. Geralmente é marcado pelo interesse educativo e explicativo

O livro-reportagem *depoimento* visa a participação de uma testemunha privilegiada, que nas palavras de Lima (2009, p. 52) deve “passar ao leitor uma narrativa quente com bastante clima de bastidores, movimentada”. Outro tipo é o *ciência*, que serve para divulgação científica sobre um tema específico, apresentando um caráter crítico e reflexivo.

O *ambiente*, vinculando-se aos interesses ambientalistas e às causas ecológicas, trata de temas que auxiliam na conscientização da harmonia entre o homem e a natureza. Este último é bem diferente do livro-reportagem *história*, que focaliza em temas do passado recente ou distante no tempo, apontando assim elementos que o conecte com o futuro.

O *nova consciência*, semelhante ao tipo história por focalizar em temas, traz em suas publicações novas correntes comportamentais, sociais e culturais que surgem em várias partes do mundo. O livro-reportagem *instantâneo*, também conhecido como livro-flash por apresentar agilidade, debruça-se sobre fatos recém-concluídos cujos contornos finais já podem ser identificados.

Assim como o instantâneo, o *atualidade* seleciona temas atuais dotados de desdobramentos, facilitando o leitor na identificação e no desfecho do conteúdo. Já o livro *antologia* cumpre a tarefa de reunir reportagens sob os mais distintos critérios por conter opiniões de profissionais conhecidos do público.

O *ensaio*, mostrando o ponto de vista do jornalista, tem como característica principal convencer o leitor a compartilhar de seus posicionamentos referentes ao conteúdo discutido. Diferente do livro *viagem*, que traz fotografias e discursos sobre viagens estruturadas em quadros sociológicos, históricos e humanos. “Não é um relato turístico nem romântico”, diz Lima (2009, p. 58), “mas sim uma viagem que inclui pesquisa, coleta de dados, exame de conflitos etc”. Logo, o conhecimento, apresentando são advindos de diversos campos do saber moderno.

Por fim, temos o livro-reportagem *denúncia*, que aborda situações e acontecimentos que merecem ser investigadas em profundidade já que muitas vezes são tratados pela imprensa de modo meramente factual. Fugindo das limitações de causa abordados nas reportagens comuns, o livro que une literatura e jornalismo investigativo, reafirma a superficialidade e uniformidade do jornalismo contemporâneo.

No Brasil, muitos foram os jornalistas que fizeram das notícias corriqueiras grandes histórias. Por meio de investigação e estrutura literária, o jornalismo ganhou ar artístico e humano. A jornalista Daniela Arbex, em *Holocausto brasileiro* (2013), consegue utilizar recursos literários para construir uma denúncia contra as injustiças, a barbárie e a desumanidade praticada, durante a maior parte do século XX, no maior hospício do Brasil, conhecido por Colônia, em Minas Gerais.

Lima (2009, p. 134) aponta ainda que o jornalismo impresso sofre de outro mal, o “anacronismo de sua linguagem verbal”, unido a isso está a “excessiva prisão do texto à informação”. Dessa forma, perde a conquista de um “tratamento mais enriquecedor, de uma exploração que traga, ao leitor, gratificação superior”. Além disso, acrescenta que a renovação do jornalismo “como força capaz de comunicar e permanecer, pelo menos na grande reportagem, transita pela aproximação às formas narrativas das artes”.

Diante disso, é no livro-reportagem que é possível alcançar o voo mais solto da narrativa dotada de fluência e eficiência. Nele é possível atrair o leitor pelo emocional, para cativá-lo. Os elementos devem sensibilizar, por meio dos valores, causando efeito no receptor pelo contato comum com o emissor. Como complementa Lima (2009, p. 146), “é conveniente que instigue o leitor, dando-lhe elementos que posso mesclar com outros para ele próprio encontrar novas combinações possíveis de compreensão do mundo”.

4 AS TIPOLOGIAS TEXTUAIS NO JORNALISMO

Visto que, segundo Lima (2009, p. 147), “nenhuma outra atividade jornalística oferece tanta maleabilidade de recursos”, “o livro-reportagem combina uma série de técnicas de tratamento de sua linguagem integral verbal, plástica, ilustrada”. Assim, a reportagem em livro comporta diferentes tipologias textuais: narrativa, descritiva e expositivo-argumentativa.

Sodré e Ferrari (1977, p. 77) esclarecem que *narração* é

[...] a ordenação dos fatos, de natureza diversa, externos ao relator(mesmo quando o narrador é parte dos fatos, isto é, participa da ação que está sendo narrada). No texto

comunicativo, os acontecimentos (desde a mais simples notícia até a grande reportagem), situados no nível de uma sequência temporal, constituem uma narrativa.

No livro-reportagem, “a narração edifica-se, quase sempre, a partir de uma ação dada, mas privilegiando a intensidade e, menos frequentemente, o ambiente”; na sua “lente narrativa”, enriquece a realidade de um mesmo fato e valoriza o relato da essência emocional e ambiental, “há a necessidade de relatar com força, precisão, clareza e impacto” (LIMA, 2009, p. 148).

Lima (2009) afirma que a *descrição* pode ser entendida como a retratação de aspectos particulares de seres, objetos e ambientes. Como explica Sodré e Ferrari (1977, p. 105), a descrição “imobiliza esse objeto ou ser em certo instante do processo narrativo”, assegura “um momento, um lado, um aspecto do ser que se move”, que o preserva “através da permanência de sua imagem imóvel”.

A tipologia textual *expositivo-argumentativa* apresenta informações sobre determinados assuntos de modo objetivo, pois a intenção é informar. Sodré e Ferrari (1977, p. 119) ainda explicam que a exposição se aplica a “apresentação de um fato e suas circunstâncias, com a análise das causas e efeitos, de maneira muito pessoal ou não”.

Lima (2009, p. 153) reforça que o livro-reportagem acontece “por via da regra empregada quando o profissional quer discutir uma questão básica e argumentar de modo a tentar convencer o leitor a comungar sua visão do problema”. Nesse sentido, os gêneros jornalísticos, que ditam qual o formato do relato para o público, irão informar nas notícias ou opinar em colunas¹. Mas, independente do espaço adequado/destinado ao texto, vale ressaltar que o jornalista dispõe de técnicas que auxiliam no momento de determinada escrita.

5 ANÁLISE DAS TIPOLOGIAS TEXTUAIS NO LIVRO-REPORTAGEM “HOLOCAUSTO BRASILEIRO”

Encontramos o livro-reportagem, focando no gênero informativo, que tem por função relatar um fato em profundidade, abarcando técnicas que auxiliam na escrita. Utilizam as tipologias textuais narrativa, descritiva e expositivo-argumentativa. Baseado nisso e, utilizando-se do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* (ARBEX, 2013), é possível exemplificar o uso de diversas tipologias dentro deste gênero jornalístico, como veremos a seguir.

A estimativa é que 70% dos atendidos não sofrem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública.

1 O jornalista deve ser objetivo ao relatar um fato, mas se torna necessário dizer que a subjetividade não está inerte. Podendo influenciar, mesmo que inconscientemente.

Por isso, o Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes, políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. (ARBEX, 2013, p. 23).

Esse trecho exemplifica claramente a tipologia expositivo-argumentativa, pois informa ao leitor, mostra os dados concretos da realidade, e por ter essa função, enaltece o contexto. Outros trechos também trazem informações, como quando Daniela Arbex nos diz que no Colônia mais de 60 mil pessoas perderam a vida e que hoje restam menos de 200 sobreviventes dessa tragédia.

Ainda é perceptível que a autora, ao passo que informa, utiliza-se de perguntas para “testar o canal” (CHALHUB, 2003, p. 28), lida com a função fática por meio da fala de um personagem:

O mistério, porém, continuava. Até poderia entender a presença de cadáveres numa faculdade que os utilizava, como a de medicina, mas a odontologia praticamente não precisava deles em suas aulas. Por que tantos? E qual a razão das posturas chocantes? Onde estavam os professores, serventes e alunos? (ARBEX, 2013, p. 65).

Um exemplo bem claro de tipologia narrativa, também com traços descritivos, retirado do livro-reportagem analisado está presente no momento em que a autora conta um pedaço da manhã de uma personagem. Escreve, nessa ordem, que às cinco da manhã ela deixou o quarto, foi à cozinha onde estava sua mãe. Estava vestida com uma calça roxa e blusa rosa. Tomou café rápido e logo depois se despediu da mãe. Em outro momento, mais uma vez, narra os acontecimentos sequenciados de uma breve história:

Aos vinte anos, a angústia sufocava a jovem. Decidiu sair de casa, mudou-se para a também mineira São João del-Rei, onde prestou vestibular para a faculdade de letras. Um ano depois, voltou de férias para casa, quando descobriu que seu nome e cartões haviam sido usados por Jurema sem sua autorização. Depois de uma séria discussão com a mãe, ela decidiu que não queria mais viver. Não encontrava nada da mãe nela e nem mesmo entendia por que se sentia tão infeliz. Débora levou dois anos para perceber que precisava passar sua história a limpo. (ARBEX, 2013, p. 103).

A tipologia textual descritiva, que tem por objetivo detalhar as características de algo ou alguém em um processo, também está presente no livro-reportagem, como por exemplo:

Nem tinha se refeito de tamanho mal-estar, quando avistou montes de capim espalhados pelo chão. Junto ao mato havia seres humanos esqueléticos. Duzentos e oitenta homens, a maioria nu, rastejavam pelo assoalho branco com tozetas pretas em meio à imundície do esgoto aberto que cruzava todo o pavilhão. (ARBEX, 2013, p. 20).

Ao descrevermos alguém, também informamos para o leitor as circunstâncias em que se encontram o que é detalhado. Em um trecho curto, a autora apresenta muito bem essa relação. Ela fala que havia muitas mulheres deitadas no chão do Colônia e espalhadas pelo lugar no meio das fezes. Ainda, em outro momento, continua a especificar o lugar. Ela nos fala que nos alojamentos os humanos estavam deitados em camas de trapos, moscas rondando os mostos-vivos, o ambiente tinha um mau cheiro que provocava náuseas e que eram capins no lugar de camas.

No prefácio do livro analisado, encontramos também a função metalinguística. O trecho escrito por Eliane Brum fala do próprio livro dentro dele. "Neste livro, Daniela Arbex salvou do esquecimento um capítulo da história do Brasil. Agora, é preciso lembrar. Porque a história não pode ser esquecida. Porque o holocausto ainda não acabou".

Como já dito, o livro-reportagem possui uma grande maleabilidade de comportar diversas tipologias textuais, assim como é verdade a ideia de que elas se repetem no mesmo. Desta maneira, temos mais um breve exemplo de tipologia descritiva, quando a autora escreve que apesar do sol inclemente, um garoto aparentava idade menor que dez anos, deitado no chão, com os braços abertos e amarrados e o rosto queimado pelo calor de quase trinta graus. Como também encontramos em algumas partes a narração:

Quando o superintendente do serviço de psiquiatria da Fundação Educacional de Assistência Psiquiátrica, Ronaldo Simões Coelho, pisou no terreno do Hospital de Neuropsiquiatria Infantil, localizado no município de Oliveira, no oeste do Estado, tomou um susto. Logo ao chegar ao hospital do Estado, em 1971, avistou um menino "crucificado". (ARBEX, 2013, p. 76).

O tipo expositivo-argumentativo aparece ainda diversas vezes no livro, trazendo informações sobre o local, mas também carrega outros esclarecimentos. Um exemplo disso aparece no trecho em que é apontado sobre a repercussão das declarações do psiquiatra Antônio Soares Simone dentro e fora do Brasil. Já que o *New York Times* se interessou pela tragédia, e ainda Simone teve a cassação de seu diploma cogitado pelo Conselho Regional de Medicina (CRM).

Com efeito, as tipologias textuais beneficiam a construção do texto a partir do momento em que classificam os escritos do nosso cotidiano, pois em momentos específicos informamos, descrevermos ou narramos sobre algo. Possuem o papel de atender às necessidades exigidas no momento da escrita, quando é preciso descrever alguém, por exemplo, utilizamos o tipo descritivo. Além disso, o jornalista e o leitor ficam cientes do que o texto quer trazer. Saberão distinguir o que está sendo apresentado, pois temos abordagens diferentes em que as tipologias textuais devem se enquadrar.

Diante disso, o livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* (ARBEX, 2013), assim como outros, abriga diversas tipologias textuais que compõem a sua escrita. São usadas corretamente e visam auxiliar no momento da escrita, pois para narrar, descrever ou informar é necessário saber e entender os conceitos de cada tipologia textual. Assim, posteriormente, pode-se apresentar qualquer conteúdo proposto da melhor maneira possível.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a contribuir com os jornalistas, tanto profissionais quanto aqueles em formação, em relação à produção textual. Refletimos sobre a importância das tipologias textuais no gênero jornalístico, que possibilita aos textos se reelaborarem de modo a se tornarem mais atraentes a sua proposta. Nesse sentido, percebemos que o uso de determinada tipologia textual atende a necessidade determinada pelo jornalista, jornalista-escritor ou mesmo a empresa de comunicação.

Entendemos que a linguagem é uma forma de apreensão e comunicação das coisas do mundo, que possibilita transmitir informações e o modo como as pessoas se relacionam e no qual alguns elementos da comunicação são sempre identificados. Assim, passa-se a entender melhor qual a função de cada texto – o que auxilia nas análises e nas produções de textos jornalísticos.

Quanto aos gêneros jornalísticos, eles servem como um tipo de organização para os profissionais da comunicação, ao atender o objetivo de informar, emocionar ou apresentar uma interpretação sobre determinado fato aos seus leitores. Assim, contribui para a construção de uma sociedade que tenha uma visão da realidade mais ampla.

É ainda importante ressaltar que os gêneros jornalísticos estão sempre se adaptando aos novos interesses dos meios de comunicação (ou seja, os critérios de ser notícia mudam de acordo com a linha editorial de cada veículo). Por outro lado, é certo que essas mudanças sejam adaptadas para suprir as necessidades também dos leitores. Mas, em suma, esse não seria um interesse das empresas de comunicação.

Por fim, chegamos ao entendimento de que os textos jornalísticos podem se reinventar. E, com essa proposta de pesquisa, foi possível identificar que é praticável o

uso de diversas tipologias, como ilustramos no livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, o que nos aponta um caráter diversificado.

E assim, essas tipologias textuais devem ajudar no momento em que o jornalista irá escrever seu texto, pois ele deve atender ao que se pretende apresentar. Logo, essa variedade da língua proporciona ainda ao leitor e ao profissional compreender melhor o que lê/escreve, uma vez que saberão se o texto está narrando, descrevendo e/ou informando.

REFERÊNCIAS

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Lailton Alves. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manoele, 2009.

MELO, José Marques de. Gêneros Jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MUNIZ, Sodrê; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

RÊGO, Ana Regina; AMPHILO, Maria Isabel. Gêneros em jornais de prestígio. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

TRESCA, Laura Conde. Gênero Informativo. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

Recebido em: 5 de janeiro de 2017

Avaliado em: 20 de fevereiro de 2017

Aceito em: 10 de março de 2017

1. Estudante de Jornalismo (2º período, 2016.2) do Centro Universitário Tiradentes – UNIT, e-mail emmanoeli_fs@hotmail.com; guilherme_freire98@icloud.com; greycebenardino11@hotmail.com; julyaewellyn@gmail.com; marcialsfortes@gmail.com; skferreira98@gmail.com

2. Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda do Centro Universitário Tiradentes – Unit, Maceió. Leciona, entre outras cadeiras na área de Comunicação, Práticas de Pesquisa em Comunicação, cujo artigo é resultado desta disciplina. É pós-graduanda (nível Mestrado) em Letras Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e especialista em Comunicação Empresarial. E-mail daniellecandido@gmail.com